



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## **EM DIFERENTES ESCALAS: AS POLÍTICAS DA SAÚDE NA CONFIGURAÇÃO ARQUITECTÓNICA DE UMA LEPROSARIA PORTUGUESA**

Sandra Xavier

CRIA/DCV-UC

[Sandrax@antrop.uc.pt](mailto:Sandrax@antrop.uc.pt)

Esta comunicação resulta do projecto de investigação intitulado “Hospital Colónia Rovisco Pais: antropologia e história em contexto” (2005), mas também da preparação, em conjunto com o fotografo Emanuel Brás e com o arquitecto Paulo Providência, de uma exposição de fotografia sobre o Hospital-Colónia Rovisco Pais. Este complexo hospitalar foi inaugurado em 1947 na vila da Tocha, no centro de Portugal, para internamento e tratamento dos doentes de Hansen de ambos os sexos, de todo o país, e para estuda da profilaxia e cura da lepra. Embora o seu plano urbanístico, o desenho dos edifícios e do próprio mobiliário sejam da autoria do arquitecto Carlos Ramos, que integrou o chamado primeiro modernismo português, o meu propósito aqui é pensar as suas diferentes escalas através do projecto politico-científico do médico português Fernando Bissaya Barreto (1886-1974), que presidiu a Comissão de Obras e a Comissão Instaladora desta instituição. A criação por decreto-lei, a 15 de Novembro de 1938, da Leprosaria Nacional Rovisco Pais, decorre do modelo de “isolamento Norueguês” de combate à propagação da doença (ver MONTEIRO, 2003; COSTA, 2008). Contudo, se o desenho programático do Hospital-Colónia Rovisco Pais foi directamente influenciado pelas diferentes Colónias que foram sendo construídos em diferentes lugares do mundo, na sequência do modelo de isolamento internacionalmente adoptado nas congressos internacionais sobre Lepra, em Berlim, Bergen e Stassbourg entre 1897 e 1923 (ver MONTEIRO, 2003; COSTA, 2008; CRUZ, 2009), destacando-se em particular a influência dos Asilos Colónias Brasileiros, o meu objectivo é aqui resgatar o significado particular que ele adquire quando inserido no projecto mais vasto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de controlo e transformação do corpo individual e social português desenhado por Bissaya Barreto.

Deputado na I República e militante do Partido Republicano Evolucionista em Coimbra, Bissaya Barreto acabou por aderir nos anos 30, perante o contexto político de então, à União Nacional (ver SOUSA, 1999), com o propósito de contribuir, através da organização de um “armamento completo médico-higiénico” de profilaxia da doença, para o progresso económico, social, moral e científico de Portugal. Enquanto presidente, desde 1927, da Junta Geral do Distrito de Coimbra e, posteriormente, da Junta de Província da Beira Litoral, e dedicado adepto da medicina social e higienista, montou todo um conjunto de estratégias, técnicas e instituições de controlo e modificação do meio físico e social de modo a promover a saúde das populações. Criou uma vasta rede de dispensários, sanatórios, hospitais, preventórios e casas da criança, para observação, vigilância, registo e acompanhamento médico-social das classes trabalhadoras e para, em conjunto com o jornal *A Saúde: jornal popular, bimensal, de higiene e profilaxia sociais*, propriedade da Junta Geral de Coimbra, educar o povo português no que diz respeito às regras básicas de higiene e profilaxia, mas também em termos estéticos e morais. Bissaya Barreto acompanhava de perto e intervinha regularmente na elaboração dos projectos de arquitectura dos equipamentos por ele promovidos, estabelecendo uma relação autoritária com os arquitectos, levando-os a concretizar um conjunto de pormenores por ele previamente idealizados (BANDEIRINHA, 1996). A arquitectura apresentava-se para Bissaya Barreto de acordo com os seus pressuposto higienistas como um instrumento de promoção da saúde física e moral da sociedade portuguesa.

O Hospital-Colónia Rovisco Pais e os diferentes Asilos Colónias brasileiros que lhe serviram de modelo têm vindo a ser descritos como lugares de exclusão e controlo dos doentes de Hansen neles compulsivamente isolados (MONTEIRO, 2003; COSTA, 2008; CRUZ, 2009). Sem pôr em causa a experiência de clausura e segregação por parte dos indivíduos compulsivamente internados no Rovisco Pais, a ruptura forçada com a rede de relações sociais onde estavam previamente inseridos e a perda dos seus direitos



civis, o meu propósito nesta comunicação é, sobretudo, mostrar, através dos discursos e práticas de Bissaya Barreto, como este espaço foi arquitectónica, técnica e institucionalmente pensado, em continuidade com o programa político-higiénico mais vasto aplicado por Bissaya Barreto a toda a população da Beira Litoral, como um instrumento de intervenção, controlo e modificação do corpo físico e moral dos doentes de Hansen, mas também, e numa outra escala, de controlo e modificação da sociedade portuguesa no seu conjunto.

***“É, pois, fácil de vêr que o Leprosário, que trata, se transforma em arma de Profilaxia”***

Em Maio de 1938, o jornal *A Saúde*, que em Fevereiro do mesmo ano iniciara uma campanha de combate à lepra inspirada naquela que havia montado contra a tuberculose, criticava veementemente a ideia “errónia, antiquada e inaproveitável” de que os “leprosos” deveriam ser encerrados em ilhas, porque “a ilha dá a ideia de sequestração, de aprisionamento, de degredo e nós não pretendemos isso” (ACUDAMOS, 1938, p.4). Segundo Bissaya Barreto, para se prevenir a lepra mais importante do que excluir, isolar ou aprisionar o doente com lepra é conhecê-lo e vigiá-lo, por isso, o leprosário não devia ser um lugar de encarceramento mas “uma aldeia simpática”, para que o doente pudesse aparecer e ser vigiado, ou seja, tornado visível, e sempre que possível, quando não era um caso contagioso, devia ser acompanhado e tratado em casa, porque assim ficava mais económico, porque ele podia ser útil para a sua família e, sobretudo, porque ele não se escondia se sabia que podia ter um tratamento ambulatorio e “é possível dessa forma surpreender casos de lepra incipiente, obter uma melhor percentagem de curas, ter um melhor cadastro de leprosos de maneira a interná-los logo que a sua lepra se torne perigosa para os outros” (A REVOLUÇÃO, 1938, pp.3-4).

O enclausuramento da zona doente da leprosaria não será por isso realizado através da sua delimitação ou vedação composta, tal como realçou o seu primeiro director clínico M. Santos Silva (1962, p.33), “por uma simples e precária sebe viva”, mas pela auto-suficiência e pelo auto-centramento subjacentes ao modelo de Colónia Agrícola defendido por Bissaya Barreto enquanto instrumento de regeneração física e



moral dos doentes internados. A vida e o meio no interior da leprosaria, virada de costas para o mundo exterior, poderia contribuir, segundo Bissaya Barreto, para o tratamento e saúde física e moral dos indivíduos portadores da doença de Hansen e assim, porque “o Leprosário, que trata, se transforma em arma de profilaxia” (A REVOLUÇÃO, 1938, p.4), para a promoção da saúde de toda a sociedade portuguesa.

### *Uma estrutura pavilhonar*

Ao modelo de Hospital-Asilo-Colónia adoptado no desenho da Leprosaria Nacional Rovisco Pais foi aplicada uma estrutura pavilhonar. Esta estrutura permite classificar, dividir e separar os doentes em diferentes condições clínicas e sociais. Tendo em conta que a leprosaria foi dividida, tal como as diferentes colónias brasileiras que lhe serviram de modelo, em três zonas diferente – a zona sã para residência dos funcionários, a zona intermediária para cresce e preventório e a zona infectada para o isolamento dos doentes com lepra, esta última de maior dimensão e instalada na Quinta da Fonte Quente foi segmentada e estruturada

Com pavilhões iguais em número e características para os dois sexos, separados por um a linha mediana assexuada, ao longo da qual se edificariam os serviços comuns aos dois sexos. Hospital, Capela e Serviços Administrativos.

Escolheu-se o tipo Hospital-Asilo-Colónia porque dele fazem parte instalações apropriadas a receber doentes nas diferentes fases de evolução, de modo que é possível escolher-se sempre o ambiente que maiores vantagens ofereça aos doente e aplicar-se ali a terapêutica de maior eficiência (BARRETO, 1972, p.223).

Foram então repartidos simetricamente pela parte masculina e feminina da zona infectada da leprosaria, dois pavilhões de carácter asilar para os doentes inválidos e incuráveis e seis casas de trabalhadores para “os que podem trabalhar” e, numa segunda fase de construção, mais dois pavilhões para trabalhadores. Todos estes pavilhões, se bem que de formas diferentes porque adaptadas à condição física e moral dos doentes neles internados, dispõem de quartos, refeitório, copa, sala de estar, sanitários, salas de tratamento, galerias e instalações para pessoal vigilante e de enfermagem, de modo a se



ternarem auto-suficientes. O espaço exterior de cada pavilhão mantém e reforça esta auto-suficiência, sendo constituído por jardins cultivados pelos próprios doentes nos quais estes devem permanecer.

Mais afastados do centro da zona infectada, os cinco núcleos familiares para “famílias doentes” detêm uma ainda maior autonomia. Cada um destes núcleos familiares é constituído por oito casas geminadas dispostas em frente de outras oito exactamente iguais e delas separadas por uma rua central encabeçada e vigiada por uma moradia onde deveria residir o maioral ou chefe do núcleo. Todas as casas têm despensa e cozinha, para lá dos quartos e sanitários, um jardim frontal e um quintal nas traseiras com arrumos e galinheiros, pois “é aos próprios habitantes destas casa que incumbe o seu arranjo, assim como a preparação das suas refeições com os alimentos que lhes são fornecidos” (SILVA, 1962, p.31).

A Leprosaria Nacional Rovisco Pais foi assim concebida como um conjunto de pavilhões e núcleos familiares, de certa forma, autónomos e, por isso, de algum modo independentes, espacial e funcionalmente, do todo do qual fazem parte.

### ***Uma colónia agrícola***

A autonomia dos diferentes pavilhões que fazem parte do Hospital-Colónia Rovisco Pais foi sobretudo reproduzida a nível do conjunto através do modelo nele adoptado de uma colónia agrícola. Uma colónia, com “extensos e bons terrenos para cultura” e “grandes áreas livres”, permitia que os doentes de Hansen se dedicassem a um conjunto diversificado de actividades laborais, lúdicas e educativas e organizassem com os outros uma vida social autónoma e independente do exterior, e, assim, permitia mantê-los isolados dentro de um espaço que, ao contribuir para o seu bem-estar físico e social, evitaria possíveis fugas, saídas ou mesmo lembranças do mundo lá fora, perigosas para a Sociedade no seu exterior. Mais, o Hospital-Colónia Rovisco Pais tende a assemelhar-se, como refere Bissaya Barreto a propósito da sua proposta de construção de um Hospital-Asilo-Colónia para “alienados”, a um falanstério, a uma cidade ideal, radial e concêntrica, com edifícios colectivos, como igrejas, refeitórios e cozinhas, no centro e com extensos terrenos envolventes para agricultura, oficinas,



habitação colectiva e casas unifamiliares. Tal como um falanstério, o Hospital-Colónia Rovisco Pais apresenta-se assim como um mundo social e espacialmente auto-suficiente, centrado e encerrado sobre si.

As características estéticas dos espaços exteriores da Quinta da Fonte Quente foram também consideradas essenciais para a regeneração física e moral dos doentes de Hansen, bem como, para a sua permanência no interior da leprosaria. Quando em Julho de 1938, são examinadas, no jornal *A saúde*, as características do terreno desta propriedade, ela é pintada em perspectiva como uma maravilhosa paisagem arborizada, dotada de horizonte, encantos naturais e formosíssimas lagoas, que dá ao doente logo à entrada uma impressão de aprazimento e beleza e, assim, nele desperta um sentido desejo de ali ficar (ver *A REVOLUÇÃO*, 1938, p.7). Os diferentes edifícios que compõem o Hospital-Colónia foram por isso implantados no terreno de modo a tirar visualmente partido dos “encantos naturais” do ambiente envolvente. O hospital e os dois grandes asilos possuem longas e espaçosas galerias exteriores cobertas, viradas a Sudoeste, de modo a que os doentes pudessem ter, de acordo com os pressupostos higienistas de Bissaya Barreto, o necessário contacto terapêutico com o ar livre e a luz do sol, mas também de modo a poderem dominar visualmente o horizonte e os belos parques e jardins que rodeavam estes pavilhões. Mesmo nas casas para trabalhadores e nos equipamentos anexos às casas do maioral que vigiavam os cinco núcleos familiares, os doentes tinham acesso a espaços de estar onde podiam percorrer com o olhar o meio que os rodeava. Bissaya Barreto considerava que pelos olhos se educava o gosto e a sensibilidade e que a existência de horizonte permitia, como referiu por relação a uma colónia agrícola para alienados, corrigir os instintos, criando ordem e disciplina.

### ***Mundos dentro de mundos: Arquitectura e auto-semelhança***

De acordo com os princípios da medicina social defendidos por Bissaya Barreto, o Hóspital-Colónia Rovisco Pais foi então arquitectónica e funcionalmente organizado de modo a que, no seu interior, meio e indivíduo se constituíssem mutuamente e em seus efeitos recíprocos como totalidades morais e sociais semelhantes. O meio, constituído como um todo auto-centrado, simpático e acolhedor, ao ser aprendido em



cada um dos pavilhões através do olhar, permitia educar os doentes internados segundo os mesmos princípios sociais, estéticos e morais que estruturavam o hospital-colônia no seu conjunto. O Hospital-Colônia Rovisco Pais assenta assim numa concepção holista sobre o meio social que faz com que os indivíduos que o compõem sejam também eles próprios pensados enquanto totalidades. No interior desta linha de pensamento, o todo está na parte e a parte no todo. O Hospital-Colônia Rovisco Pais apresenta-se assim como sendo social e espacialmente auto-semelhante, pois é semelhante a partes de si mesmo ou, se quisermos, ele próprio e todos os seus detalhes, independentemente da escala, se assemelham. Ele é idêntico em diferentes escalas.

Já vimos como o isolamento e autonomia de todo o hospital-colônia por relação ao exterior se assemelha, numa outra escala, à autonomia e isolamento dos diferentes pavilhões e núcleos familiares que dele fazem parte, podendo ser eles mesmo, sendo auto-suficientes, também concebidos como uma totalidade. E do mesmo modo que todo o hospital colônia se vira para dentro e de costas para o mundo exterior, estando espacialmente organizado em torno de um centro imaginário desprovido de uma clara articulação com a entrada, também os diferentes pavilhões que dele fazem parte se encerram no seu próprio universo interno, tendo a sua frente virada para os seus próprios jardins e espaços exteriores e apenas uma articulação funcional e pelas traseiras com os outros pavilhões. No entanto, os diferentes pavilhões e núcleos familiares que compõem o Hospital Colônia Rovisco Pais estão, como vimos, implantados no terreno de modo a tirar visualmente partido do “ambiente de maravilha”, “dotado de horizonte”, “encantos naturais” e “formosíssimas lagoas”, do qual fazem parte. Deste modo e através do olhar, cada um dos doentes e os diferentes edifícios onde estão internados se integram em todo o meio social, estético e moral do Hospital-Colônia Rovisco Pais e, assim, meio e indivíduo, todo hospital-colônia e os diferentes edifícios que o compõem, se constituem mutuamente como totalidades sociais, morais e estéticas semelhantes.

Esta configuração do meio e do indivíduo, no interior do Rovisco Pais e em seus efeitos recíprocos, como totalidades morais, estéticas e sociais semelhantes, ao mesmo tempo que garante a regeneração social dos doentes internados e a ordem e autonomia do meio social onde se inserem, permite proteger a saúde e o bem-estar físico e social



de toda a população portuguesa. Quando se defende em 1942 no jornal *A Saúde* que é preciso criar no Rovisco Pais um ambiente simpático e acolhedor, com uma grande área livre, diversas actividades lúdicas, laborais e educativas, que retenha os doentes com lepra, é realçado que “da permanência do doente depende todo valor profilático da obra” e que “o doente que foge é mais perigoso para a Sociedade do que qualquer outro leproso não internado” (ver NOTAS, 1942, pp.13-14). A criação em 1938 da Leprosaria Nacional Rovisco Pais, é então justificada pelos “benefícios que hão-de atingir directamente não só os que sofrem do mal de Hansen, mas indirectamente tôda a Nacionalidade” (NOTAS, 1942, p.11), pois, como se argumenta no jornal *A Saúde*, a lepra é um flagelo Social “que macula o nosso País”, o problema “mais importante hoje para a Honra da Terra Portuguesa” (NOTAS, p.10), não sendo um problema específico dos doentes que dela sofrem.

A assistência aos doentes de Hansen, o seu tratamento e internamento no interior de uma leprosaria, é, neste sentido, considerada fundamental para garantir a autonomia e independência de toda a nação portuguesa. Em 1972, o Rovisco Pais é descrito por Bissaya Barreto (1972, p. 228) como um modelo perante o mundo, um orgulho para Portugal. Neste contexto, a linguagem arquitectónica, o modelo formal, o desenho do detalhe e dos elementos de composição dos diferentes edifícios que integram o Hospital-Colónia adquirem, para Bissaya Barreto, uma importância fundamental. Carlos Ramos, autor dos mais emblemáticos projectos do primeiro modernismo português como o Pavilhão do Rádio do Instituto de Oncologia (1927-1933) e o liceu Júlio Henriques (1930) em Coimbra, posteriormente denominado D. João III e actualmente Escola Secundária José Falcão, foi um dos principais protagonistas da primeira geração da arquitectura moderna em Portugal, que Bissaya Barreto recusava veementemente por ser “chata, chatíssima”, “uniforme em toda a sua extensão”, desprovida de detalhes e ornamentos, ou seja, sobretudo por questões formais e não tanto pelo seu funcionalismo que elogiava (ver BANDEIRINHA, 1996). Por isso, Bissaya Barreto escreveu em 1972:

Confesso que fiquei receoso com a escolha do Arquitecto Carlos Ramos que eu conhecia só através do liceu D. João III, de Coimbra, género Instituto Superior Técnico, que gritavam um e outro pelo número e grandeza das janelas.



O estilo era novo e eu temia que o Arquitecto Carlos Ramos estivesse embevecido por ele... E então, logo na primeira reunião de contacto e de conhecimento, eu avancei numa apreciação desagradável de aquele género de construção, que me parecia impróprio para a Leprosaria e lembrava que, na Quinta da fonte Quente existia o Conventinho, onde mais tarde se instalaram os serviços administrativos e a Congregação religiosa das Irmãs que fazem a enfermagem da Instituição e que foi Estância de Repouso dos Frades Cruzios a quem a Quinta pertencera.

Pedia a sua atenção para aquele interessante edifício, onde o Senhor Arquitecto Carlos Ramos poderia encontrar a traça a dominar todos os estabelecimentos a erguer na Quinta da Fonte Quente...

A ideia foi logo aceite, felizmente e daí a beleza que ainda hoje caracteriza o Hospital Rovisco Pais, sem dúvida a mais portuguesa das grandes Obras de Assistência do nosso País (Op. Cit, pp.231).

Os elementos formais do Conventinho, como arcos, colunas e contrafortes, serão utilizados em todos os edifícios do Hospital-Colónia, o que, segundo Bissaya Barreto, não apenas lhe confere beleza como faz dele a mais portuguesa das obras de assistência do País. Mais uma vez, e agora através da linguagem e da forma arquitectónica, cada um dos edifícios se assemelha a todo o Hospital-Colónia onde se insere. Mas esta semelhança assenta agora em pormenores arquitectónicos simultaneamente representativos dos diferentes pavilhões por eles ornamentados, do Hospital-Colónia no seu conjunto e de toda a nação portuguesa da qual este faz parte. Bissaya Barreto, através do “seu dedo de decorador” (BANDEIRINHA, 1996, p.37), introduziu ainda no Rovisco Pais todo um outro conjunto de detalhes e ornamentos considerados especificamente portugueses e, assim, representativos de Portugal. Loiças, gravuras, a própria roupa dos doentes por eles confeccionada, toda uma série de imagens e objectos que ornamentam os espaços interiores do hospital-colónia lhe conferem um carácter especificamente português. Segundo Bissaya Barreto, todos estes detalhes e ornamentos, para além de introduzirem no Rovisco Pais a beleza, a cor, a variedade e a alegria necessárias à disciplina e saúde não apenas física mas também espiritual e moral



dos doentes, combatendo a indolência, a neurastenia, corrigindo os instintos<sup>1</sup>, também os ensina, como diz Bissaya Barreto, a propósito do parque para uma das muitas casa da criança por ele promovidas, “a conhecer e a amar a nossa Terra”, colocando-os “diante motivos nossos, que eduquem a sua sensibilidade, apurem o seu gosto, fortifiquem a sua inteligência” (BARRETO cit. in SOUSA, 1999, p.197).

Portanto, toda a nação portuguesa se manifesta nos pormenores decorativos do Hospital-Colónia Rovisco Pais e estes, por seu turno, são configurados como elementos representativos de Portugal inteiro. Cada detalhe dos edifícios que fazem parte do Hospital-Colónia se assemelha, assim, em diferentes escalas, ao próprio edifício onde se insere, à leprosnaria nacional no seu conjunto e, por último, ao próprio País “no momento de ressurgimento, que Portugal atravessa”.

### **Conclusão**

Como Presidente da Comissão de Obras e da Comissão Instaladora da Leprosaria Nacional Rovisco Pais, o médico Fernando Bissaya Barreto influenciou directamente o plano urbanístico e o desenho arquitectónico desta instituição. O interesse que Bissaya Barreto revelou ao longo da sua vida pela arquitectura, acompanhando e intervindo constantemente na elaboração dos projectos de equipamentos educativos, assistências e hospitalares por ele promovidos, pode ser facilmente compreendido através das noções médicas de higiene por ele adoptadas, que explicam a saúde e a doença pela acção do meio sobre o organismo. Bissaya Barreto recorreu então à arquitectura como uma técnica de intervenção sobre o corpo mas também sobre o espírito. A arquitectura do Hóspital-Colónia Rovisco Pais foi portanto por ele pensada como um instrumento de controlo e modificação dos doentes de Hansen, mas também, e numa outra escala, da sociedade portuguesa no seu conjunto.

---

<sup>1</sup> Se nos séculos XVIII e XIX a arquitectura austera, institucional, desprovida de decoração, dos hospitais foi, por muitos, considerada fundamental para desencorajar a preguiça e para conferir autoridade aos médicos sobre os pacientes (ver FORTY, 1980), Bissaya Barreto (1935, p.162) defendeu que a monotonia do ambiente da maioria dos hospitais de então, semelhantes a penitenciárias-casernas, contribuía para a neurastenia dos doentes. A saúde física e moral eram conseguidos, segundo ele e de acordo com as suas concepções higienistas, através do contacto com a natureza, com a luz do sol e o ar livre, mas também de um ambiente simpático, cheio de cor, alegria e beleza (ver BARRETO, 1935 e SOUSA, 1999, p.73).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## BIBLIOGRAFIA

ACUDAMOS aos Leprosos: A lepra, o mal sujo e imundo dos antigos. *A Saúde*, Coimbra, Ano VIII, V.177-178, p.4-5. 1938.

A REVOLUÇÃO Nacional ao Serviço da Saúde dos Trabalhadores. *A Saúde*, Coimbra, Ano VIII, V.183-184, p.4. 1938.

BANDEIRINHA, José António Oliveira. *Quinas Vivas. Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*, Porto: FAUP publicações. 1996.

BARRETO, Fernando Bissaya. A Obra de Assistência da Junta Geral de Coimbra. In: *I Congresso da União Nacional. Discursos, Teses e Comunicações*. Lisboa: Edição da União Nacional, V. II, p.153-165. 1935.

BARRETO, Fernando Bissaya. E assim nasceu a Tocha... In: *Rovisco Pais. Revista Portuguesa da Doença de Hansen*. Tocha: V. 11, Nº3, p. 215-234. 1972.

COSTA, Ana Paula Silva. *Asilos colônias paulistas: análise de um modelo espacial de confinamento*. Tese (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

CRUZ, Alice. O Hospital-Colônia Rovisco Pais: a última leprosaria portuguesa e os universos contingentes da experiência e da memória. *Hisória, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.407-431. 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

FORTY, Adrian, 1980. The modern hospital in England and France: the social and medical uses of architecture. In King, A. (Ed.), *Building and Society*. Londres: Routledge, p. 61-93. 1980.

MONTEIRO, Yara. Prophylaxis and exclusion: compulsory isolation of Hansen's disease patients in São Paulo. *Hisória, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.10, Sup.1, p.95-121. 2003.

NOTAS do Relatório que no dia 2 de Dezembro de 1941 a Junta da Província da Beira Litoral, em obediência ao artº320 do código administrativo, houve por bem apresentar ao Conselho Provincial. *A Saúde*, Coimbra, Ano XII, V.266-272, p.2-17. 1942.

SILVA, Manuel Santos. Hospital-Colónia Rovisco Pais (última leprosaria do continente português). *Rovisco Pais. Revista Portuguesa da Doença de Hansen*. Tocha, V. 1, Nº3, p.10-41. 1962.

SOUSA, Jorge Pais. *Bissaya Barreto: Ordem e Progresso*. Coimbra: Minerva. 1999.